

A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO V—SÉRIE II

N.º 104 (194)—8-3-925

PREÇO: CONTINENTE e ILHAS, #30—AFRICA, #40—ESTRANGEIRO, #65

Redactor principal:
Clemente V. dos Santos
Editor:
António José d'Almeida

PROP. DO GRUPO EDITOR DE A COMUNA
RED. e ADM.: Rua do Sol, 131—PORTO
CORR.: APARTADO 17—PORTO

Administrador:
José Rodrigues Reboredo
Comp. e Imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

=A DESORDEM DAS ESPADAS...=

Fala-se numa desordem militar, cujo objectivo supremo, segundo os informes dos *mentideros* políticos, é restituir ao país a ordem e a legalidade.

É verdadeiramente paradoxal que a primeira corporação armada que sustenta, pela violência das suas espadas e das suas espingardas, umas instituições de reconhecida bandeira política, económica e social, pretenda dar-se ares de renovadora da nossa vida colectiva e nacional, legitimando, com um golpe de audácia sangrenta, uma *paranóia* «impossível de se encontrar dentro dos presentes moldes capitalistas e estatais».

Primeiro que tudo é preciso saber-se porque há desordem e onde é que ela reside.

Há desordem, inquietação sobressalto, porque a sociedade actual está constituída em soccalcos, em cujos degraus de superioridade predominante se espalham as diferentes classes oligárquicas que exploram, que esmagam, a imensa legião trabalhadora—a que suporta todo o peso desta iníqua constituição social.

Sendo assim acidentada a planta do regime que ora nos oprime, evidentemente que a marcha da vida humana não pode ser segura, certa, exacta e isenta de solavancos que sacodem, fortemente, a caravana das relações amistosas entre os povos.

Para que a existência de todos os seres humanos possa decorrer regularmente e em perfeita comunidade harmónica de solidariedade mútua, é mister que o caminho, que a estrada da vida seja aplanada e desimpedida de toda a ordem de quadrilhas flibustêricas que nos nossos dias assaltam as pobres populações escravizadas.

Isto quer significar que é indispensável que se eliminem as classes parasitárias e acaparadoras da produção humana, das classes financeira, industrial, comercial, burocrática e outras que tem a sua razão de existir na exploração do homem pelo homem. É claro que nesta eliminação, por utilidade humana, se incluem o Estado, a política e o militarismo, atentatórios duma sociedade livre, justa e igualitária.

Ora os militares profissionais, constituindo por igual uma classe parasitária e privilegiada, deverão também o fruto do trabalho proletário, não querem, com o seu gesto indisciplinado e de rebeldia contra os poderes governamentais existentes, nivelar a situação económica e social, desbancar a plutocracia sugadora das economias populares, destruir os potentados, os grandiosos velhacos que se acoitam na tenebrosa associação de malfeteiros, de ladrões da felicidade da nação verdadeiramente pródiga: na U. I. E.

Pelo contrário: não lhes bastando já a sua sinistra missão de defender os exploradores dos explorados, os ricos e legais gatunos do depauperados e entristecido roubados, pretendem ainda lar aos causadores de toda a miséria nacional, de todo este mal estar imperante, um maior predomínio, um maior expansão de mão baixa, de assalto geral à bolsa dos consumidores empobrecidos, de maior banditismo sob os múltiplos aspectos de tirania política, económica e social.

Não é, pois, a ordem que os militares profissionais em conjura querem restabelecer: ela jamais é impossível estabelecer-se desde que existem ladrões e roubados, ricos e pobres, vestidos nus, calçados e descalços, pácios e tugúrios,

mandriões e trabalhadores, senhores e escravos...

O que eles aspiram, impulsionados pelo fenómeno das sôfregas ambições, é alargar o círculo vicioso, desaustinado, selvático da Opressão, da Orgia, da Ladroagem capitalista-estatal...

Mercê daquele fenómeno lastimoso, é que os espadas do Chile deram com a República de cangalhas, obrigando o presidente Arturo Alessandri Palma a renunciar e a esgueirar-se para a Europa, dissolvendo violentamente o parlamento e depondo a ditadura militar nas mãos de um directório... militar.

Foi ainda o fenómeno do egoísmo que obrigou os *hermos* insurrectos militares, a restaurarem a República; a collocarem, na vitrine das exhibições pedantescamente políticas, o catrapácio da Constituição «democrática»; a proclamar, de novo, o presidente Alessandri; a sustentar um governo provisório até que um plebiscito determine quais as reformas que se devem introduzir na carta fundamental da República chilena... É que o general Altamirano tinha usurpado todo o poder ditatorial para si, e para as oligarquias, para as quais se inclinou persurosamente, e não pôde distribuir o bôdo por igual a todos os insurgentes...

De aí o extranho comando: *Primeira fórmula*, justificando-o nos seus desejos «democráticos», traídos pelo ditador que o guindaram ao poder...

Esta comédia militaresca é mais uma prova cabal de que o exército só tem competência para cobrir as costas aos delapidadores do património público, para quixotadas grotescas e para espancar aqueles que os sustentam á boa vida...

O chileno «desfazer com os pés o que fizeram com as mãos... na espada» está-se a repetir aqui em Espanha, tem-se dado em outras bandas e dar-se-há mais uma vez aqui, se o proletariado, num esforço galvânico de repulsa, não im-

pedir os torvos designios duma militância egoisticamente aguerrida...

Não, ela não quer a «ordem», mas sim desenvolver mais a desordem da nossa miserável situação...

Novos-ricos!...

Os jornais bisbilhoteiros, deram à luz de publicidade um rol de novos-ricos que fez, a muita gente, abrir a boca de espanto. Sobre o assunto vamos transcrever, apenas a título de curiosidade, os seguintes trechos duma crónica de Marcel Jordão:

Entre os indivíduos que constituem o referido rol (o rol dos novos-ricos) há um que me assombra mais que os outros todos: o sr. Amâncio Alpoim. Não porque eu o julgue incapaz de, com o seu talento de advogado e o opiparo lugar com que se amesendou na Caixa Geral dos Depósitos, amearhar duzentos contos. Mas porque o sei um dos chefes do partido socialista, em cujo programa se encontram a distribuição das riquezas e a guerra ao capital. E não de concordar que é de fazer abrir a boca, num movimento do mais puro espanto, esta de um partido que guerrela o capital ter por chefe nada menos que um capitalista.

«Eu compreendo o socialista Tolstoi desprezando o seu título de conde, distribuindo os seus prédios pelos mujiks e montando uma oficina de sapateiro para viver (?). Compreendo o socialista Krapotkine atirando às ortigas a sua coroa de príncipe, entregando a sua fortuna aos comités revolucionários e passando a viver da sua pena. São assim os apóstolos e os chefes. Quem semela ideias tem de as adubar com o exemplo, se quiser que fru-

tfiquem. Mas o sr. Amâncio de Alpoim, chefe de um partido igualitário e fazedor de conferências onde se agride a riqueza particular e se lamenta a sorte do proletariado, onde de automóvel, fume charutos caros, frequente clubes onde cada garrafa de Champagne vale o sustento mensal de uma família, e seja ainda por cima accionista do Banco de Portugal, —isto, com franqueza, é que não consigo compreender. Dá-me a impressão de Mao-mei pregando a abstenção da carne de porco com a boca cheta de toucinho e meia duzia de presuntos na adega.»

Em revista...

A "grandeza" dos números socialistas

A pequenês do seu valor real

De quando em vez, os socialistas de cá atordoam-nos os ouvidos com o estrondoso foguetório que deitam ao ar da especulação, a propósito dos grandiosos partidos socialistas da estrangeira.

Essa gente social-democrática contenta-se mais com a quantidade do que com a qualidade, com o número de votantes e de cotizantes para sustentarem um vistoso estado maior de oligarcas funcionários e chefes do partido, do que com membros aderentes que compreendam o verdadeiro significado da palavra socialismo e, portanto, a verdadeira doutrina ideológica a que dizem ter-se alapado...

Ultimamente, o nosso ex-deputado da Casa do Povo radiou de contentamento no reaccionário *Jornal de Noticias*, espantando os seus leitores com deslumbrantes estatísticas.

Não lhes disse, porém, que o partido do trabalho inglês, o partido socialista está... partido, isto é: tem estado sempre partido, mercê, não só das ambições pessoais dos seus chefes, mas ainda devido às tendências que se manifestam no interior do seu ventre.

É curioso aludirmos a isto, num momento em que o capitalista e companheiro Amâncio de Alpoim se propunha realizar uma conferência sobre a frente única do proletariado.

Não há muito tempo ainda, conheciam-se, pelo menos, cinco agremiações socialistas.

Na Fabian Society «é onde

a classe média faz o seu flirt sobre o socialismo, onde os capitalistas contam os melhores amigos, onde os governantes contam os melhores serventários e onde a socialística elite faz a sua digestão de socialismo burguês» — afirmou-nos um correspondente de Londres.

No Socialist Party of Great Britain e no Socialist Labour Party estão os que, «pretendendo passar por ser os únicos incorruptíveis, são apenas uns pequenos grupos de malucos, que ninguém toma a sério a sua seriedade demasiado britânica.»

No British Socialist Party, «aquele que pretende ser o mais revolucionário de todos eles», estão os seguidores «da velha Social Democratic Federation»; «tam inspirado no socialismo de Marx e Engels, decaí no mais profundo conservantismo, causando-lhe horror e reprobção o mais pequeno acto revolucionário e de acção directa»...

Nós sabemos também que no Socialist Labour Party os seus membros são sobretudo cristãos arrelhados e astutos que aproveitam as oportunidades para obter vantagens pessoais, sendo o partido operário das boas graças do capitalismo da quem Mancha»...

Não é para admirar, porém, que no laborismo inglês existam cristãos. O partido socialista alemão, que também tem sido apontado para exemplo, já teve no Reichstag, vinte e três deputados que pertenciam à Igreja luterana, cinco à Igreja católica, outros cinco à Sinagoga israelita e dois... que se envergonhavam de confessar qual a sua religião.

É que o partido social-democrático alemão foi sempre uma mistura, um aglomerado heterogéneo de republicanos moderados ou oportunistas, de republicanos radicais, de socialistas conservadores, democráticos, etc., etc., partido onde se gastam milhões e milhões com a sua fenomenal representação burocrática...

Aí está uma das poderosas razões porque o partido socialista alemão nada de geito tem conseguido a favor do proletariado tudesco; porque o laborismo inglês esteve no poder e nada fez (rima, mas é verdade) em benefício do proletariado britânico: nem sequer atendeu a reclamação de sessenta mil pessoas para que ao condenado Vaquier fosse comutada a pena de morte, poder que lhe conferia a Constituição...

Bem fez o jornal de Vanderfelde, *Le Peuple*, que não se solidarizou com o governo socialista-laborista inglês, censurando-o, sob o título *Decepcionados e indignados*, pelo facto de conservar de pé a pena de morte.

O laborismo inglês tem tido, é certo, alguns avatares na sua organização. Mas nem por isso deixa de ser aquela mistura acima mencionada...

¡Oh! o laborismo inglês, o socialismo! Muitos socialistas pagantes e votantes, mas pouco socialismo de verdade...

PRO-SALVAÇÃO

— DE —

SACCO E VANZETTI

(DO COMITÉ PORTUGUEZ)

Aos individuos e grupos anarquistas, ás agremiações proletárias e revolucionárias e a todos os organismos e individuos de ideas livres e de sentimentos humanos da república portuguesa.

Deve ser já do vosso conhecimento que vem de constituir-se em Portugal um comité organizador e coordenador do protesto de todos os homens de espirito são contra a pretensão criminosa do governo norte-americano em aplicar a pena de morte a dois camaradas nossos, cujos nomes, já mundialmente conhecidos, são Nicolau Sacco e Bartolomeu Vanzetti.

O Comité Português pró-salvação de Sacco e Vanzetti, pois, dirige-se a todos vós, confiado de que será auxillio na missão de que está revestido.

Não só em Portugal, nem só neste momento a solidariedade se move a favor das duas victimas da reaccionária América. Há três anos que carrasco espreita o momento de poder manejar a odiosa avança, que a golpes de electricidade, carbonizará seus corpos viris, calando duas bocas aquietando duas penas que, em altivez, souberam sempre fustigar a venalidade burgue e alentar os seus camaradas explorados, na luta emancipada.

É que aos senhores do mundo, aos donos dos trabalhadores, não tem basto o saciar-lhe a sede de sangue e tombar

dos nossos mártires em Chicago, em Montjuich, na Patagónia e em tantos outros sinistros logares, e julgam assim, imbecil mas maldosamente, extinguir a lha aniquilando os que a propagam.

Para dar fóros de legalidade à condenação de Sacco e Vanzetti inventou a justiça americana um pretexto infamante, pagando a mercenários policiaes e prostitutas para que accusassem e testemunhassem falsamente contra os detidos, pelo crime de roubo e assassínio; e, não obstante a fácil contestação pela defesa, o tribunal, comprados os juizes e os jurados, decidiu pelo que já estava preconcebido: a pena de morte.

Se não fóra o brado de solidariedade que ecoou pelo mundo inteiro, vindo de milhões de bocas sedentas de liberdade e justiça, o algóz teria cumprido a sua missão; e enquanto se repercutiu esse eco solidário suspenso esteve a mão sinistra do matador. Entretanto o Comité Central pró defêsa de Sacco e Vanzetti, com sede em Boston, agia no sentido de conseguir-se a revisão do processo — isto, ao abrigo da concessão expressa para todos os delitos no código de justiça norte-americano — encontrando a mais acrisolada resistência da parte dos representantes da justiça, certos de que seria fatal o cheque pela fácil comprovação da infâmia que presidiu ao desiderato do tribunal.

É intuitivo que se a justiça da América tivesse provas seguras para condenar, daria um exemplo acedendo às cinco reclamações de revisão até hoje feitas.

Mas não. Supondo talvez que o proletariado de todos os países esqueceu um pouco os dois inocentes, tudo se apresta para a consumação do crime.

¿Que resta pois?

Se Sacco e Vanzetti são victimas da sua dedicação à causa dos trabalhadores, dos oprimidos; se o seu procedimento está muito acima das mentiras bolsadas pelos funâmbulos da imprensa que rasteja aos pés do capitalismo, mais do que justo, indispensável é que por toda a parte todos os operários, todos os homens que querem ser livres e que possuem sentimentos humanos, seja qual for a sua crença filosófica, façam sentir a sua repulsa; a sua indignação contra a ameaça que impõe sobre aqueles dois camaradas, junto do presidente da república norte-americana.

É não basta sentir a repulsa, sentir a indignação, é necessá-

rio exteriorisar estes sentimentos! Mais: é preciso unificar protestos para que estes sejam mais sentidos!

Assim, pois, o Comité Português pró salvação de Sacco e Vanzetti convida-vos a colaborar nesta humaníssima campanha de agitação, promovendo sessões especiais de protesto contra a condenação à morte dos supracitados camaradas e em favor da sua libertação, enviando esse protesto, expresso em documento, a cada uma das seguintes entidades:

Mr. Coolidge, Presidente dos Estados Unidos da América. White House, Washington U. S. A.

Consulado Geral dos Estados Unidos da América, Rua do Alecrim, 73-3.º — Lisboa.

Sacco — Vanzetti, Defense Committee. P. O. Box, 95 Hanoverstr., Station, Boston Mass, U. S. A.

Comité Português, Pró-salvação de Sacco e Vanzetti (dirigido a Virgílio de Sousa) Travessa da Agua de Flôr 16 1.º — Lisboa.

A's sessões de protesto cuja realização vos propomos, é intenção deste comité enviar, se for possível, delegados a expor detalhadamente o que de infame se tem urdido à volta de Sacco e Vanzetti, pelo que, para custear as inevitáveis despesas a fazer com algumas delegacias e com a intensificação duma tal propaganda que faça pronunciarem-se os trabalhadores de todo o país, vos solicitamos também o envio de donativos, enviando-vos incluso para mais fácil recolha dos mesmos... listas de subscrição N.º...

Em virtude da conveniência em concertar a acção a realizar, alvitramo-vos a constituição de sub-comités no maior número possível de localidades, especialmente nos grandes centros de população, os quais para um melhor resultado convirá pôrem-se em relação com este Comité.

Vamos, camaradas. Que o nosso brado de protesto, o brado de um povo que também quer ser livre e que sabe sentir as dores alheias, vá unir-se ao protesto incenso que em todo o mundo se levanta para tomar contas aos que, falseando o direito dos povos, escondem por detrás duma estátua à deusa *liberdade* a infame cadeira de matar!

Da urgencia do nosso protesto depende a vida de dois seres humanos.

Salvemos Sacco e Vanzetti!

Janeiro de 1925.

Campanha de propaganda anarquista da Sede
::: ração Anarquista da Região Central :::

Frente unica do proletariado

Promovida pela Federação Anarquista da Região Central realizou, no dia 20 de Fevereiro, o camarada Santos Arranha do grupo anarquista «Povo Livre», uma conferência subordinada ao tema «Frente Única do Proletariado», no Sindicato Único Metalúrgico de Lisboa.

Ao contrário da maior parte dos oradores, êle declarou permitir que o interrompessem enquanto estivesse falando, desde que o fizessem dentro duma forma correcta.

Estando na ordem do dia a questão da «frente única» acrescentou ser de interesse palpitante a análise dos factos que com ela se relacionam.

Lembrou que o proletariado, antes da república, andando enfeudado à política republicana, esqueceu-se de organizar convenientemente a defesa dos seus interesses, e o que sucedeu foi após a sua proclamação ficar ainda pior do que dantes, sofrendo os maiores vexames da parte dos seus antigos aliados.

Foi somente devido à luta no campo sindical, que êle conseguiu impôr-se e conquistar umas certas regalias, e portanto é nesse terreno que deve continuar a lutar e a realizar frentes únicas, e não se aliar com quaisquer facções políticas, embora esquerdistas, porque a lição dos factos já lhe ensinou duramente, o que lhe poderá advir dessa colaboração.

Desde a data em que o operariado se desiludiu das falsas promessas dos republicanos até 1918, notou-se uma certa potência na organização operária, que lhe permitia enfrentar com mais probabilidade de vitória as investidas das classes dominantes.

Mas depois, por reflexo dos acontecimentos produzidos na Rússia, surgiram desinteligências entre os militantes operários sobre a tactica a seguir.

Começou-se a dizer que o sindicalismo não se bastava a si próprio, e que era necessário constituírem-se à margem dele organismos extra-sindicais, que o auxiliassem na luta, o que estava certo, se esses organismos realmente quisessem agir revolucionariamente.

Mas o que se viu, foi êles começarem a negar o valor da organização sindical, e a pôr em prática uma política oposta aos seus meios de luta.

Desde então principiou a «desunidade», e desapareceu a frente única, o que, sem dúvida, contribuiu para que as classes exploradas se enchessem de coragem, e se preparassem para tomar conta de toda a vida do país.

Esta reacção da burguesia capitalista deu lugar à situação dominguista; e, quando para enfrentá-la, era necessário voltar a fazer convergir para o sindicato toda a força, que lhe tem sido roubada, deu-se o caso de vários elementos operários, — embora alguns dêles ingenuamente, e sem qualquer reserva — se põem a constituir um bloco de apoio, para defender a liberdade à volta dum governo burguês.

E' lamentável que classes que se tem mantido alheias a movimentos retintamente operários da acção directa, tenham abandonado o trabalho para irem numa manifestação espalhafatosa perante o presidente, por o parlamento ter derrubado um governo, que disse estar ao lado dos explorados contra os exploradores, e que a guarda republicana não foi feita para espingardear o povo.

José Dominguez dos Santos mentiu, para se manter no poder, ao fazer estas afirmações, pois que os governos e a guarda só existem para manter o povo em submissão absoluta aos seus opressores. Portanto, é triste que a propósito destas palavras se lance o confusio-nismo no espirito dos trabalhadores, fazendo-lhes crer que há governos bons, e fazendo-lhes renascer a esperança no messianismo, e portanto o do esquecimento de que é lutando unicamente dentro do sindicato revolucionariamente que êle pode defender-se e emancipar-se integralmente.

Aproveitando-se desta confusão surgiram então várias facções políticas, (socialistas, moscovitários) com a idea da frente única, mais ou menos permanente do proletariado o que é impossível realizar entre duas tendências tam opostas

como a autoritária e a libertária.

Acha o orador tal idea utópica, estabelecida por acordos prévios, só admitindo, quando ela surge espontaneamente por um motivo qualquer. Mas a frente nestas condições estabelece-se subitamente, sem compromissos, e desaparece imediatamente com a causa que lhe deu origem.

Durante a sua conferência Santos Arranha afirmou que o sindicalismo revolucionário (não aquele de marca moscovitária) era na sua essência libertário, isto é anárquico, o que levou um comunista a observar-lhe que segundo os mestres do sindicalismo francês esta doutrina tinha por objectivo unicamente agrupar todos os proletários para a luta directa contra o patronato e contra o Estado fora de qualquer politica.

Portanto, sendo assim, concluiu êle, não podiam ser os sindicatos anarquistas, nem tam pouco o eram todos os indivíduos que os compunham.

Arranha retorquiu-lhe que não tinha sido esta última afirmação que precisamente tinha feito, explicando-lhe que segundo a própria definição que êle, contraditor, acabava de dar de sindicalismo se conclua a veracidade do que êle orador tinha afirmado.

Pois se dentro dos sindicatos revolucionários — disse êle — os indivíduos desenvolvem uma acção anti-capitalista e anti-estatal contra todas as forças que apoiam estas instituições, o que é isto senão tactica libertária ou anárquica?

Pode ser que grande parte dos sindicatos não estejam conscientemente integrados na ideologia anarquista; mas o que é facto é que êles dentro do sindicato para a defesa dos seus interesses, agem segundo o critério libertário, embora cá fora possam pertencer a outras facções políticas.

E desde que não ajam desse modo, desde que dentro do sindicato não tenham a convicção de que só pelo seu esforço próprio e pela sua acção directa conseguirão fazer respeitar os seus direitos, é melhor que lá não estejam a servir de estorvo à acção dos outros, e que vão para os grupos políticos esperar que os emancipem dos seus chefes e dirigentes.

Conseguir um novo assinante para A COMUNA, é apressar a queda da tirania que nos oprime.

Do meu postigo

Júlio Guesde e as eleições

I

Júlio Guesde, numa daquelas horas de sinceridade muito raríssimas nos políticos, afirmou que pouco lhe importava ter o direito de vêr, desde que não tivesse olhos, o direito de andar, desde que não tivesse pernas. E referindo-se à classe operária, à sacrificada e iludida classe operária, fez esta outra categórica e verdadeira afirmação: «*Socialmente falando, a classe trabalhadora não tem olhos nem pernas. Falham os meios sem os quais os direitos são outros tantos embustes*»...

Aqule célebre socialista francês, muitas vezes em guerra aberta com o grande parlamentar que foi Jaurés, esquecendo-se de que em várias legislaturas fôra deputado e de que o seu partido ainda precisava d'ele para candidaturas futuras, amortalhou naquele fulgurante pensamento a condenação formal dos métodos eleicoeiros e da retórica parlamentarista.

Esta sentença guesdista é tanto mais abalizada e criteriosa, quanto é certo que ela foi ditada pela própria prática e por um próprio práctico também. Talvez obedecesse à inquietação duma consciência atormentada...

De facto, o povo eleitor, quando sai de casa com um papelucho dobrado para o ir lançar numa urna de fôlha de Flandrez, de zinco ou de pinho, não caminha de pé: rasteja, pela lama da sua dependência, pela conspurcação da sua vontade abdicada, à procura de quem lhe dê umas palmadinhas no lombo, como refrigério às suas torturas, e de quem o leve pela arreata para a palha alimentadora de promessas,—que se metamorfoseiam em pétalas de mal-me-queres amarelos para serem calcadas pelos eleitos à entrada triunfal do casarão das *côrtés*, perdão das *côrtés*... do poder legislativo...

Quem anda de pé, quem tem a coluna vertebral direita e encimada por uma cabeça altiva e iluminada por um são raciocínio; quem tem a consciência do seu eu, dos seus direitos, da sua força, não se acocora, não se arrasta perante ninguém a pedir-lhe, misericórdiosamente, que trate da sua situação, dos seus interesses individuais e familiares, da sua condição de escravos chicoteados pela

exploração capitalista e estatal... Recorrer a segundos para que lhe cuidem do seu pão, da sua camisa, das suas calças, dos seus coturnos, dos seus meninos, da sua casa, do seu trabalho, das suas neecessidades artísticas, morais, profissionais, económicas... e até fisiológicas — é a mais degradante afirmação de marican-deira impotência...

Quem não sabe ser homem, ser gente, precisa, na realidade, dum tutor: de um chicote, de uma albarda, de uns arreios, para o cilharem bem forte...

Júlio Guesde teve ainda caradas de razão quando, ao descrever a impotência do sufrágio eleitoral, assegurou que este, «*em lugar de auxiliar a emancipação dos operários, pelo contrário, não tem feito outra coisa senão retardá-la.*»

O acto eleitoral é um cão que o povo procura para que o guie, pelo caminho da desgraça, na sua cegueira natural e ideológica, visto que não vendo dois palmos de espírito libertário adiante do nariz da sua acção própria e directa, anda sempre, de cambalhota em cambalhota, a tatear a *rôlha* da sua felicidade confiada aos outros...

O parlamento é um freio que se mete nos dentes da burrice popular. E assim, não é para admirar que ela recue, não só porque os seus cavaleiros governamentais e parlamentares lhe puxem demasiado às rédeas, mas ainda por se assustar ante o imenso clarão da Liberdade plena, da Felicidade Inteira, dos autênticos Direitos à Vida que os *lunáticos* anarquistas desejam que sejam conquistados pelo próprio esforço dos trabalhadores, conscientes do seu préstimo e do papel que devem desempenhar numa sociedade justa e igualitária.

Lá diz o anexim: «*todo o burro come palha: a questão é sabêr dar-lha.*» É a *besta* de um proletariado que ainda não abriu os olhos à realidade dos factos, continua a *pastar*, pacientemente, a haste sêca das gramíneas... dos engazupanças tremendos que todos os equitadores da política imunda lhe vão dando, para o entreter na sua caamurrice cega e agravada pela fala messiânica dos salvadores de pechiabeque...

«*Ah! sim! A classe trabalhadora, socialmente falando, não tem olhos, nem pernas, porque se tivesse, já há muito teria visto, com Faure, que «a iniqüida política» é um tecido de mentiras: mentira o direito de governar os homens; mentira a origem do direito contemporâneo, mentiras, o fim e o objectivo da lei; mentira a liberdade política do cidadão; mentira a soberania popular; mentira a lei das maiorias, mentira as promessas dos candidatos; mentira a competência, o liberalismo e a honradez dos eleitos, mentira a imparcialidade da magistratura; mentira a missão dos exércitos, mentira o patriotismo...*»

Porque se tivesse, já há muito teria visto, que só andando revolucionariamente pelas ruas, praças públicas, oficinas, fábricas, campos, etc., contra os políticos que aspiram ao mando, à conquista do poder do Estado e seus derivativos — é que a Justiça e a Liberdade serão mais efectivas...

GERMINAL BRANDÃO.

ÁGUA... FORTE

Se não estamos em erro, quando o ministro socialista da república portuguesa, o sr. Augusto Dias da Silva, apresentou o seu projecto de lei sobre os «Bairros Sociais», as gazetas da *grei* cumularam de bênçãos o inclito varão, chegando algumas delas a afirmar que, só por esse projecto, o seu correligionário tinha direito à imortalidade... e a uma estátua!

Nós rimo-nos do caso, e nem sequer a êle nos referimos. É que, por experiência, conhecemos muito bem o que vale a iniciativa estatal em todos os casos, e especialmente em casos como aquele. E se hoje nos vamos ocupar dessa «carrapata», é só para transcrever algumas conclusões dum relatório, bem demonstrativo de que a «tentativa socialista» não valeu nem vale a tinta que se gastou em elogios:

«*Estão começadas, em relativo adiantamento, 72 casas para habitação... Nenhuma dessas casas, acabada que fosse, poderia ser habitada de pronto, porque nos diferentes arruamentos do Bairro, tendo-se pensado em tudo até em enterrar algumas centenas de contos nos caboucos e alcerces dum grande teatro — dos matores de*

Lisboa, por sinal — se descurou completamente o problema dos esgotamentos, não havendo em relação a êstes qualquer trabalho feito, e sendo hoje dispendiosíssima a respectiva construção... O pensamento social a que parece ter obedecido a construção dos Bairros Sociais, falhou em absoluto... É incontroverso que nenhum dos tipos de casas de habitação projectadas para o Bairro do Arco do Cego corresponde aos fins que primitivamente se deveriam ter tido em vista por anti-económicos...»

São dêste quilate as «tentativas socialistas» do grande talento. Para honra dêle, do Manuel Zé, da sua *grei* e do partido socialista em geral.

Socialismo de Estado

No fim do ano passado, quando, na Dinamarca, o número de operários sem trabalho aumentava de semana para semana, o governo, que é um governo socialista *pur sang*, nomeou uma comissão que devia examinar as «possibilidades de socorro» aos operários esfo-meados, ou que não tivessem recursos de espécie alguma. Volveu-se um longo período sem que se soubesse o que fazia a dita comissão. Por fim, o ministro da Vida Social concedeu uma entrevista ao órgão central do seu partido (o partido socialista), para acalmar os impacientes. Nessa entrevista, o ministro declarou que o secretário de Estado que se ocupa dos trabalhos da comissão, tinha partido para a Suíça em viagem de férias, e que, sem o seu concurso, não se podiam examinar as possibilidades do socorro. De forma que, socialisticamente falando, os sem trabalho deviam resignar-se; e, com paciência, habituariam-se ao alimento de ar e vento até que o sr. secretário regressasse das suas férias e se lembre de lhes mandar, a casa, uma côdea.

E ninguém poderá dizer que isto não seja o puro socialismo de Estado...

Leninismo e Trotskysmo

Como há, por aí, quem confunda propositadamente o trotskysmo com o leninismo, atribuindo a Lênine o que pertence a Trotsky e a Trotsky, o que a que pertence a Lênine, nós, sem recebermos dinheiro de Moscóvia, e sem nos declararmos por um ou por outro, vamos pôr, embora resumidamente, as coisas no seu lugar.

BOLETIM POLÍTICO EXTRANGEIRO

MÃO CHEIA DE MANIFESTOS — O ACTO ELEIÇOEIRO NO URUGUAY — A ATITUDE ANTIPOLÍTICA E ANTIELEITORAL DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA — A ACÇÃO DOS ANARQUISTAS PERANTE A FUNÇÃO DAS URNAS

¿Que diferença haverá entre as teorias dum e doutro marechal da ditadura russa? Esta, simplesmente: para Lênine, a divisa era esta: *submissão* ou *exclusão*. Para Trotzky, a divisa é outra: *revolução permanente*. Conhecidas as divisas práticas dos elementos principais da ditadura russa, ¿qual delas é mais consentânea com o pensamento socialista?

Esmlucemos:

Submissão ou *exclusão*, é a pura essência da «filosofia» caserneira, que se baseia numa disciplina férrea, tirana, escravizante, subserviente, a que não é extranho o princípio de «degradação moral e individual»;

Revolução permanente — ainda mesmo que seja observada sob o ponto de vista do verdadeiro liberalismo, é um princípio, uma teoria, que o socialismo não pode repelir, a não ser que o queiram fazer cristalizar num centralismo estúpido e absorvente. A *Revolução permanente*, é a marcha do homem para a conquista da liberdade e do bem-estar; é a acção contínua, benfaiora e criadora das massas; é o pensamento em constante ebulição; é a sabedoria, a fôrça e a beleza estabelecendo-se praticamente na terra.

De modo que, entre o leninismo e o trozkyismo há um abismo insondável: Lênine foi um autoritário na lídima acepção do termo: para êle, só da submissão dos indivíduos a um poder ditatorial e disciplinador poderia surgir a tam decantada felicidade humana; para Trotzky, o espírito de liberdade, consubstanciado na sua *Revolução permanente*, é que pode fazer a felicidade dos homens. ¿Qual dos dois encarnou melhor um aspecto do problema social? Nós, que somos anarquistas, antiditatoriais por consequência, e que não fomos nem vamos no bote dos eslavos governamentais, podemos dizer que foi Trotzky.

Pois bem: em virtude do seu espírito liberal, Trotzky foi obrigado a pedir a sua demissão dos cargos que desempenhava no governo russo. E, daqui se conclui, que o ministério que está à frente dos destinos desse país, não concordando com a teoria da *Revolução permanente*, é um ministério mais reaccionário, mais despótico e mais jesuítico do que qualquer ministério burguês e capitalista.

Por isso, na Rússia, a liberdade é uma liberdade de funil... muito embora os Kites e os tombas afirmem manhoamente o contrário...

Vindos da pequena república do Uruguay, acabamos de receber uma mão cheia de manifestos, todos êles contundentes para a nefasta política que lá, como cá, acirradamente se atropela...

Naquele Estado sul americano efectuaram-se no dia 8 do mês passado as eleições, sendo chamado, pelo buzineiro corno do toque a reunir, o povo trabalhador a eleger os seus tiranos, os seus amos, os seus cabreiros que o hão-de «guardar» e tanger tam cuidadosa e proficientemente, quanto de aí a depender os interesses da malta dirigente...

Precedeu esta nojenta faina caciqueira, e como é natural nestes casos, o indispensável período de propaganda galopineira, oferecendo todos os partidos a lua, o sol, o céu, os anjos, deus e os próprios seios da Maria Santíssima, para que não ficassem eterno monopólio de quele fanático fradalhão que um dia jurou ter-lhe aquela *virgem*, de cima do altar, oferecido para os beijar...

Nestas ofertas valorosas distinguiram-se, segundo os jornais de lá também recebidos, os socialistas e comunistas. Charamelou-se o perigo da hora que passa, do momento único, excepcional da história uruguya — viato que lá igualmente as fôrças oligárquicas e clericais se combinaram para uma maior expansão ainda do seu predomínio tiranizador...

Era de crêr, pois, que houvesse tergiversação e surgisse qualquer «libertário» a, circunstancialmente, transitóriamente, excepcionalmente e não por mal, aconselhar, já que existe quem concorra às urnas, a votar nos partidos avançados — admitindo-se a hipótese de que do mal, o menos e, portanto, de que um parlamento clerical, reaccionário, das fôrças vivas, e a preferível um parlamento... avançado... de futuros ditadores vermelhos...

Não nos consta, porém, que tal sucedesse, talvez em consequência de estar muito distante de Portugal, onde nem as próprias ondas artesianas conseguiram transmitir, às antenas da telegrafia sem fios uruguayas, o «pensamento» luso...

Nem mesmo a União Sindical Uruguya se pôde conter,

editando um manifesto contra a farsa eleitoral. Confessa, sem dúvida, que «as falazes promessas, as adulações servis, o reconhecimento (por poucos dias) da soberania popular», conseguem, em parte, os seus funestos planos, devido à pouca cultura e capacidade do povo, o qual, acostumado, desde tempos longínquos, a que outros penssem por êles, confia aos políticos a solução de problemas que só dependem do seu concurso e vontade para serem resolvidos de acôrdo às suas necessidades e aspirações.»

Mas em lugar de dar desviatórios conselhos que possam comprometer a integridade dos seus princípios, altivamente declara que, como «entidade representativa do proletariado organizado do país, também crê como dever sagrado, nestes momentos de confusão e desengano (lá também há confusões), dirigir a palavra ao povo produtor, recordando-lhe, em porte, a obra funesta de todos os partidos políticos, cuja missão única é escarrapachar se nas alturas do poder e de lá oprimir os trabalhadores em beneficio exclusivo dos ricos», — mesmo que seja à moda russa...

«A luta eleitoral — continua a União Sindical Uruguya — é uma luta que esteriliza as lutas operárias. É uma luta definitivamente contrarrevolucionária e negativa para alcançar a nossa emancipação política, económica e moral.»

O que vota delega a sua soberania e a sua vontade, e, portanto, fica incapacitado de agir livremente noutras lutas superiores e com inteira independência...

«Peja nossa dignidade, pois, pela dignidade da classe operária, albardada pela burguesia e seus políticos, os trabalhadores conscientes e dignos não devem votar — sob pena de trair os seus próprios interesses de classe, servir de comparsas na farsa, eleitoral que devia ter-se efectuada em 8 de fevereiro...»

Aquela foi a «opinião sensata da União Sindical Uruguya, traçada claramente, categoricamente, na sua Carta Orgânica»...

Do manifesto anarquista editado pelo grupo *El Sembrador*,

destacamos os seguintes períodos, de Gonzalez Pacheco:

«Saem das alforjas e miam nas veredas e nas praças. Veem da cloaca política e aspiram a sentar-se à mesa do orçamento. Querem ser deputados, «representantes» do povo — os gatos...»

Gatos, gatos... Enquanto andam em baixo, (pelas ruas), fracos, sarnosos, efomeados, aparecem como gatos... Uma vez nos altos (no telhado da política) transformam-se em tigres — aleivosos, carneiros, insaciáveis... ¡Em guarda!

Socialistas, comunistas, brancos e de côr, vêde-os: metem-se entre as pernas dos transeuntes; abanam com o seu rabo, o rosto, cheio de suor, do operariado; miam, nas praças públicas e sob a lua, as suas agres sinfonias... Porém, são gatos, com unhas aduncas, olhar frio, os dentes filados. Raça traidora e felina. Bando de tigres...

¿Quem dá ao gato uma mama? ¿Quem eleva à altura dos seus egoísmos um candidato sarnoso? ¿Qual é o homem consciente que tira semelhantes bichos da sua esterqueira e as unge como seus «representantes»...

¡E' preciso ser-se muito burro!...

¡Não, não! ¡Fôra com os gatos políticos!

¡Abaixo a urna, chata, quadrada, fria como a pança duma gata prenha! ¡Grève de votos! ¡Acção directa do Homem-povo contra a Fera-governo!... E se não fizeres isto, homem, amigo, companheiro, os gatos arranhar-te hão a cara, comer-te hão os bofes, encher-te hão de sarna até aos dentes»...

Por sua vez o Comité de Relações dos Grupos Anarquistas proclama, em face da repetição do novo acto da ridícula farsa eleitoral pomposamente adornada com falazes ourepeis democráticos; em face dos novos abutres que se dispõem, quais piratas modernos, a tomar de assalto o bergantim do pressuposto para, dali, continuar a nefasta obra dos seus antecessores, obra maldita, de rapina, tirania e desafôro: — Ser ou não ser. Os meios termos são para os covardes, os simuladores, os trânsfugas ou os videirinhos...

Para os homens de espírito livre, visionários de um futuro justiceiro e igualitário, o exercício do voto é o renunciamento à sua própria personalidade: é indigno de homens que se considerem como tais: Os anarquistas, pois, combaterão encarnadamente a acção negativa do voto, até conseguir o maior

número possível de irmãos que, com nós, repitam hoje, amanhã e sempre o boicote às urnas... até que um dia possamos com elas levantar a grandiosa fogueira das verdadeiras «liberdades cidadãs»...

Como tudo isto está adequado à nossa confusão eleitoral... Nem de propósito...

“Vida Livre,”

De harmonia com as resoluções tomadas, principiamos hoje a publicar as importâncias que até agora deram entrada no cofre da «Vida Livre».

Produto da Subscrição Voluntária

Lista n.º 26 (única devolvida)—S. Domingos—José Colaço Martins, 1\$00; João António Cecilia, 1\$00; Vitor Martins Mialha, 1\$00; Valentim A. João, 1\$00; D. Guerreiro, 1\$00. Soma 5\$00.

NOTA — Este meio de angariação de fundos foi, por improfíquo, pôsto de parte e substituído por cotas amortizáveis.

Produto da venda das cotas amortizáveis

Vouzela—1 cota—Constantino Figueiredo, 10\$00.

Coimbra—1 cota—Róberto das Neves, 10\$00; António das Neves, 10\$00; Arnaldo Lopes, 10\$00; Francisco Pinheira, 10\$00; A. O. Costa Júnior, 10\$00; Arnaldo S. Januário, 10\$00. 2 Cotas—Almeida Costa, 20\$00. S. Domingos,—Sindicato dos Operários de Indústria Mineira, 20\$00. Lisboa—Sind. dos Ferrovários dos Caminhos de Ferro Portugueses, 20\$00. Soma, 135\$00.

Continuamos apelando para a solidariedade dos camaradas a quem foram endereçadas listas de assinantes e cotas-amortizáveis, para que, com a máxima urgência, nos devolvam umas e remetam a importância das outras, afim de que possamos, o mais brevemente, satisfazer uma das mais imperiosas necessidades da propaganda—a publicação da «Vida Livre».

Coimbra—1925, Fevereiro, 23.

A COMISSÃO.

Do «Observador» de ontem

Nós não crêmos em melhoramentos realizados pelos poderes constituídos ou pelas classes dominantes, em obediência às manifestações ordeiras da opinião dos que nada tem. Kit ou Bel-Adam.

... FOLHEANDO A HISTÓRIA

Jacques Rohzbach

III

O condado de Weinsberg era governado pelo conde Luís de Helfenstein, um jovem de vinte-e-sete anos, que contava já quinze anos de serviço militar no exército francês e no exército austríaco. Ele era o favorito do arquiduque Fernando; e sua esposa, Margarida de Edelsheim, que se distinguia pela sua piedade e pela sua beleza, era filha natural do imperador.

Repetidas vezes, o conde de Helfenstein se tinha dirigido ao governo austríaco, pedindo-lhe o envio de reforços militares, afim de estar ao abrigo de qualquer golpe de audácia. Em consequência destas petições, o conde foi chamado, em pessoa, a Stuttgart, fazendo-se acompanhar, nessa viagem pelo chanceler Dietrich de Weiler.

Da entrevista saiu esta resolução: convidar mil homens para reforçarem o exército do conde. Siegmund de Schorn-dorf e Joerg Buhl, encarregaram-se desta missão; e o conde Luís de Helfenstein, foi nomeado general em chefe. Esperavam, também, receber tropas auxiliares de Baden e do Palatinado. E, confiantes em tudo o que se combinára, o conde regressou a Weinsberg, acompanhado de setenta *lansquenets* a cavalo. No caminho maltrataram quantos camponeses pacíficos encontraram. E quando a horda central lhes fez a primeira intimação, o conde entrou em negociações, para se livrar de apuros. Na retirada, prendeu alguns camponeses dispersos, e mandou-os matar. Este procedimento desumano, contrário às próprias leis da guerra, exasperou os camponeses que nunca tinham assassinado nenhum prisioneiro. Jacques, saindo das fileiras, gritou:

— Morte e inferno! O conde de Helfenstein, ha-de aprender a respeitar-nos... Irmãos! Amanhã, nós próprios escolheremos em Weinsberg, os nossos ovos de Páscoa! A nossa contrassenha de ordem, é esta:— Morte e Vingança!...

Imediatamente, os camponeses enviaram a Weinsberg um ultimato, no qual se intimava a cidade a render-se sem condições.

O conde mandou-lhes uma resposta altiva; mas, apesar das portas do condado estarem fe-

chadas, uma mulher do povo conseguiu atravessá-las e vir junto dos camponeses dizer-lhes que começassem o ataque, visto que metade da população estava disposta a fazer causa comum com eles. Um camponês ofereceu-se como guia para lhes mostrar os pontos fracos e mal guardados da fortaleza, por onde seria fácil chegar ao castelo. A 16 de Abril, o conde Luís e todos os nobres de Weinsberg, foram considerados, pelos camponeses, fóra da lei.

O conde não acreditava num ataque sério dos camponeses; no entanto aumentava, tanto quanto podia, a sua tropa, fazia-a trabalhar nas fortificações e animava os burgueses a resistir, assegurando-lhes que se tratava, somente, de repelir o primeiro ataque, enquanto não chegavam reforços de Stuttgart e de Baden.

Ao romper de alva, os camponeses, que se tinham acampado em Schemelberg, em frente ao condado, enviaram, pela última vez, dois arautos, levando, nas mãos, um varapáu com um chapéu na ponta.

—Abril—gritaram os arautos! Abri as portas do palácio e da cidade à horda central e cristã. E senão quiserdes abrir as portas, mandai sair as mulheres e as crianças, porque, ao tomarmos o condado, passaremos a fio de espada tôdas as pessoas que encontrarmos.

Dietrich de Weiler chamado aos muros pelos guardas, falou-lhes desta maneira:

—¿Que nos querem êstes pérfidos? ¿Dar-se há o caso de que eles pensem que também se pode parlamentar com mosquitos? Nesse caso, e como resposta, enviar-lhes hemoz uma descarga de chumbo.

Sob as suas ordens, os guardas fizeram fogo contra os arautos: um dêles foi ferido gravemente; mas ainda teve fôrça e coragem para voltar ao campo, jurando, amaldiçoando e gritando vingança contra os nobres.

Foi êste o sinal para o ataque.

Enquanto que Dietrich grita, sobre os muros, aos seus soldados:—«Amigos! Os camponeses não virão, porque teem coraçõ de lebre!» Floriano

Geyer, avança com a sua horda central, cuja rectaguarda chega a Erlenbach e Binzwangen.

Sob as ordens de Floriano, Jacques e os seus homens, dirigem-se para o norte da cidade; Floriano toma a direcção do Sul, para chegar ao castelo. Desta maneira, a massa da horda central pode avançar e atacar, de frente, a cidade. Do alto das muralhas, fazem fogo e atiram pedras contra Jacques e os seus homens. E, com tal fúria, que Jacques foi repellido no primeiro ataque; mas, rapidamente volta à carga, redobrando de energia e de coragem.

Neste momento, uma bandeira dos camponeses flutua audaciosamente numa brecha do castelo: era a bandeira de Floriano Geyer e da sua horda negra, composta de velhos e valentes soldados, que se tinham apoderado, de assalto, daquela praça forte. Um grito de vitória e de entusiasmo se estende no campo dos sitiadores, ao mesmo tempo que as portas da cidade baixa eram forçadas pela horda central.

Os habitantes da cidade, que se tinham defendido mais por um sentimento de honra do que por uma convicção, aproveitaram as circunstâncias para forçarem o conde e o seu chanceler a fazerem concessões. E enquanto que os auxiliares dos camponeses na cidade se esforçavam por esfacelar as portas, uma multidão composta de mulheres, gritando, applicando, implorando, chorando e vociferando, rodeiam e perseguem o conde, pedindo-lhe que se entregue e que não a exponha a uma morte certa.

Os soldados do conde foram ameaçados de morte, se persistissem em continuar a defender-se. Então, o conde, mandou um padre, às muralhas, parlamentar com os insurrectos. O padre, em face daquelas figuras *sinistras*, implora, como um apóstolo:

— Paz!... Paz!...

— Morte!... Morte!... Foi a resposta que obteve. Morte a todos os nobres, a todos os lacaios, a todos os cavaleiros! Em presença da atitude hostil da multidão, o conde pensa em fugir. Mas foi detido pelos burgueses, que lhe ripostaram:— O sr. quiere deixar-nos sós neste atoleiro?

Por todos os lados, os camponeses entravam na cidade, furiosos, clamando vingança.— «Que os burgueses tranqüilos centrem, com as suas esposas e filhos, para as suas casas»—gritavam os arautos. «Que fechem as suas portas, visto